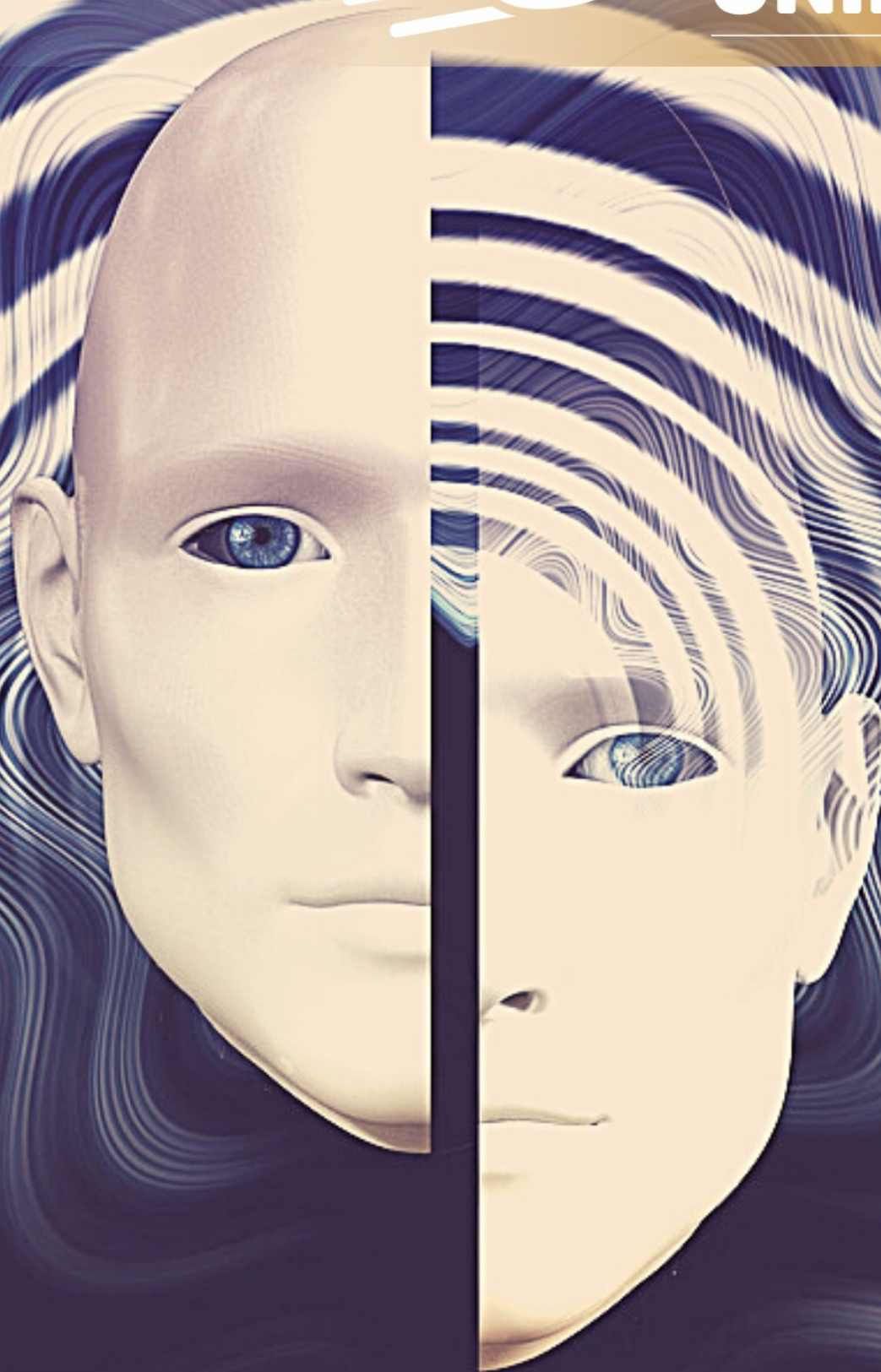




grupo educacional

UNILOGOS



Psicanálise



grupo educacional

UNILOGOS

TEORIAS PSICANALÍTICAS II



grupo educacional
UNILOGOS

Presidente: Dr. Gabriel C. D. Lopes (rector@unilogos.edu.eu)
Reitor: Dr. William Harrison (deanlouisiana@unilogos.education)
Diretora Geral de Ensino: Dra. Amanda Lee Holmes
Vice Presidente: Dra. Pollyanna C. P. Lopes (contact@unilogos.edu.eu)
Reitor Honorário Ad Vitam: Dr. Kao Kveng Hong
Vice Presidente Executivo: Dr. Dion P. Shuencvk
Presidente Honorário: Dr. Nilton Elias
Reitor Honorário: Dr. Shefki Hysa
Reitor Honorário : Dr. Zoran Vitorovic
Chanceler: Prof. Dr. Bensson V Samuel, MD, PhD, DBA
Secretário: MsC Elias Abrao Neto (contact@unilogos.edu.eu)
Projeto Gráfico e Diagramação: Rogerio dos Reis Ferreira

Edição

LOGOS UNIVERSITY INTERNACIONAL

Address: 7950 NW 53rd Street - Suite 337 - Miami - Flórida - 33166
Register Florida State: Authentication Code Number 150218100844-400269643344#1

Rua Doutor José Mendonça Clark, Nº 90/604, Varzea - Teresópolis, Rio de Janeiro, Brasil

Copyright 2021 Logos University Internacional - Todos os Direitos Reservados

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Logos University Internacional.

SUMÁRIO

Teoria Psicanalítica II.....	5
Topografia do aparelho psíquico.....	6
Conceituação da teoria topográfica.....	7
Sistema Consciente.....	8
Sistema pré-consciente.....	9
Sistema incosciente.....	10
O Id.....	17
O Ego.....	17
O Superego.....	18
A personalidade e sua dinâmica.....	24
A personalidade e seu desenvolvimento.....	26
O estágio pré-edipiano.....	26
A Fase Oral (0 até 1-2 anos).....	27
A Fase Anal(1 a 3 anos).....	28
A Fase Falíca (3 a 5 anos).....	30
Estágio Edipiano.....	30
O período de latência.....	33
A questão da regressão e da fixação.....	35
Mecanismo de defesa.....	36
Referências Bibliográficas.....	43
Exercício para fixação da unidade de Teoria Psicanalítica II.....	44

TEORIA PSICANALÍTICA II

Somos os Psicanalistas, praticantes de uma arte que sendo bastante em si mesma, vale-se, acessoriamente, de vários outros conhecimentos para atuar na área humana que é definida como Psíquica e que se caracteriza por ser uma realidade absoluta de natureza metafísica. Falamos do metafísico apenas para, de saída, bosquejarmos a dificuldade do nosso trabalho, pois se os males a que nos contrapomos são reais, tudo o mais que temos de considerar é impalpável e de complexo acesso, vez que lidamos com o emocional e um emocional, na maioria das vezes desconhecido, inconsciente.

Somos, também, os únicos profissionais que não usamos instrumentos e, tratando de pessoas, não as tocamos, não lhes ministramos qualquer droga e nem ao menos lhe damos conselhos e, no entanto as curamos! Daí dizermos que o nosso ofício é uma arte, desafiadora, é verdade e que, por isso mesmo, exige de nós uma total dedicação, o máximo de horas de estudo, o máximo de pesquisas, o máximo de trocas com as comunidades afins.

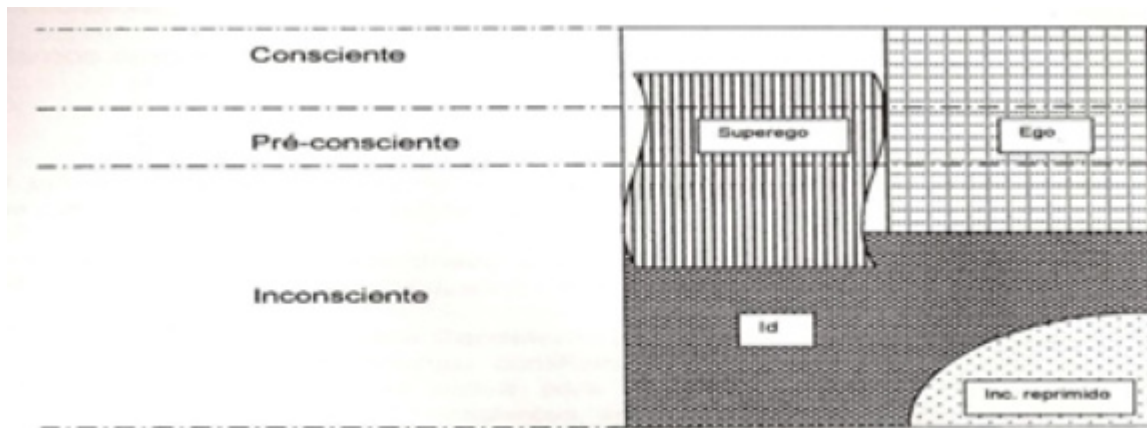
Segundo Freud “os processos psíquicos são, em si mesmos, inconscientes e os processos conscientes são atos isolados, frações da vida psíquica total. Os processos da vida psíquica inconsciente, são dominados, na maior parte, pelas tendências que podem ser qualificadas de sexuais, no sentido restrito ou lato do termo. Este último pressuposto é, na realidade, a característica fundamental da Psicanálise, que consiste, essencialmente, na tentativa de explicar a vida inteira do homem e não só aquela privativa ou individual, mas também a pública e a social, recorrendo a uma única força que é o instinto sexual ou libido, no sentido técnico deste termo.”

Com o fim de apresentar uma contribuição aos interessados em aprender algo sobre o que norteia o trabalho do psicanalista enquanto clínico.

Temos que ter sempre presente que, mesmo sendo dedicadamente estudiosos, jamais teremos atingido o grau desejável de conhecimento, pois nunca nos firmaremos num diagnóstico a partir do estudo de peças anatômicas, nem de filmes radiográficos, nem de exames laboratoriais, nem da descoberta de novas drogas, nem de testes psicométricos, vez que o nosso paciente é um ser humano ímpar, que veio de um ambiente familiar ímpar e que se desenvolveu ajustando-se as condições ímpares, influenciadas pela maneira ímpar como ele entendeu o que atuou sobre ele de forma continuada ou então lhe aconteceu por uma fração de segundo, num abrir e fechar de olhos.

Esta apostila foi produzida com a intenção de apresentar referências aos assuntos os quais, de forma extensiva, são apresentados nos livros. Procuramos, ao máximo, ser claro.

TOPOGRAFIA DO APARELHO PSÍQUICO



A teoria psicanalítica tem a particularidade de não considerar os atos psíquicos da mesma maneira que o faz a psicologia clássica. Esta os estuda como elementos justapostos, associados e estáticos.

A psicanálise concebe a vida psíquica como evolução incessante de forças elementares, antagônicas, compostas ou resultantes, com um conceito dinâmico do psiquismo.

Fala-se corretamente de duas tópicas freudianas, sendo a primeira aquela em que a distinção principal é feita entre inconsciente, pré-consciente e consciente, e a segunda a que distingue três instâncias: o id, o ego e superego. O termo "tópica", significando teoria dos lugares vem do grego *topoi* (local, lugar). A hipótese freudiana de uma tópica psíquica tem origem em todo um contexto científico de debates, avaliações, observações que vai de 1891 a 1900, quando Freud apresenta a primeira concepção tópica do aparelho psíquico no capítulo VII de *A Interpretação de Sonhos*.

CONCEITUAÇÃO DA TEORIA TOPOGRÁFICA

Esta teoria aparece pela primeira vez no capítulo sétimo de “A Interpretação de Sonhos”, de Freud escrito em 1900. Em que consiste esta teoria?

Freud propôs dividir o aparelho psíquico. De acordo com esta Teoria, devem existir três sistemas mentais, cada um dos quais se caracterizando por sua relação com a consciência.

Vamos apresentar a caracterização, segundo Freud:

- Sistema Ics.
- Sistema Pcs.
- Sistema Cs.

O primeiro sistema, chamado Inconsciente (Ics.), abrange os elementos psíquicos cuja acessibilidade à consciência é muito difícil ou impossível.

O segundo sistema, denominado Pré-consciente (Pcs.), compreende os elementos mentais prontamente acessíveis à consciência.

O terceiro sistema, chamado Consciente (Cs.), inclui tudo que for consciente em determinado momento. Entretanto, considera-se que todo material que fora consciente, no momento seguinte passa para o pré-consciente. Consideramos, também, que certas experiências, conscientes, ao serem vencidas, em parte são gravadas no pré-consciente, enquanto determinado componente é recalcado ao inconsciente.

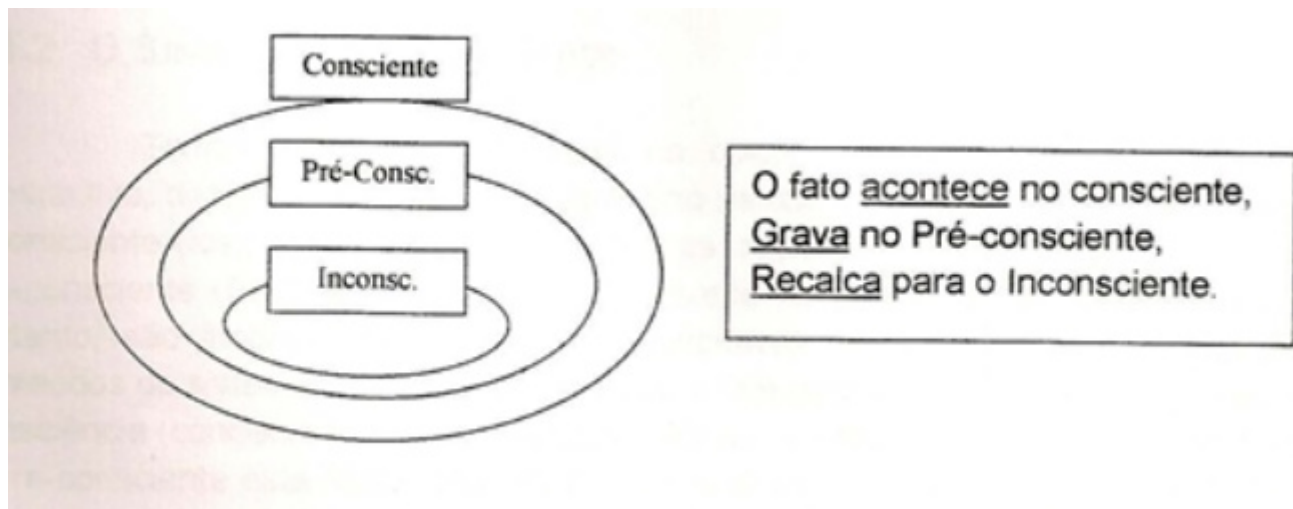
Resumindo, entre os sistemas Ics, e Pcs, opera uma censura intersistêmica que faculta ao Pcs. excluir elementos indesejáveis do sistema Ics. e recusar-lhes o ingresso no sistema Cs.

A idéia central da Teoria Topográfica é de que o aparelho psíquico pode ser dividido em sistemas baseando-se na relação entre os mesmos e a consciência.

Como representar esta Teoria?

Concebemos uma figura única constituída de camadas, sendo a mais estreita atribuída ao sistema Cs. Um pouco mais abaixo aparece

uma camada igualmente estreita, que atribuímos ser o sistema Pcs. O centro da figura, a parte maior em termos cúbicos, compreendemos ser o sistema Ics. Assim, o inconsciente passa a ser o miolo e a parte mais importante do aparelho mental.



O SISTEMA CONSCIENTE

O consciente é um órgão de percepção para as impressões que nos absorvem no momento e deve ser considerado como um órgão sensorial situado no limite entre o interno e o externo, com capacidade para perceber processos de uma ou outra procedência.

Freud, em sua teoria metapsicológica, usa a expressão sistema percepção - consciência (Pc - Cs). Do ponto de vista funcional, o sistema percepção - consciência - opõe-se aos sistemas de traços de amnésicos que são o inconsciente e pré-consciente. Do ponto de vista econômico caracteriza-se pelo fato de dispor de uma energia livremente móvel.

A teoria psicanalítica se constitui recusando definir o campo do psiquismo pela consciência, mas nem por isso considerou a consciência como um fenômeno não essencial. Freud considera a consciência como uma função de sistema Pc-Sc e um dado da experiência individual que se oferece à intuição imediata, e não renova sua descrição. No entanto, quando se fala de consciência, todos sabem imediatamente, por experiência, do que se trata.

Para que um ato psíquico seja consciente, é necessário que percorram todos os níveis do sistema psíquico. O sonho, por exemplo, as representações de objetos pertencentes ao inconsciente devem associar-se às representações pré-conscientes correspondente. Só depois de vencer a estrutura instalada entre os dois campos, entram em

contato com esse sistema e chegam ao conhecimento do indivíduo.

O homem não reage a todo estímulo e tem-se impressão de que o sistema consciente conta com o dispositivo especial, capaz de protegê-lo de certas excitações que poderiam perturbar seu equilíbrio, que Freud chamou de detector ou amortecedor de estímulos. Se um estímulo externo é excessivamente intenso para o psiquismo, ele é captado pelo aparelho protetor amortecido e transmitido de forma econômica e gradual. Em síntese, o aparelho protetor recebe o estímulo do exterior, amortece-o e transmite-o gradualmente, evitando que o equilíbrio psíquico do organismo se perturbe. O amortecedor de excitações é o que capacita o homem regular sua vida psíquica, mediante uma distribuição econômica das cargas energéticas, o que lhe permite conservar o repouso e manter em equilíbrio adequado sua tensão energética.

O SISTEMA PRÉ-CONSCIENTE

Termo utilizado por Freud no quadro da sua primeira tópica. Como substantivo, designa um sistema do aparelho psíquico nitidamente distinto do sistema inconsciente (Ics); como adjetivo, qualifica as operações e conteúdos desse sistema pré-consciente (Pcs). Estes não estão presente no campo atual da consciência e, portanto, são inconsciente no sentido “descritivo” do termo, mas distingue-se dos conteúdos do sistema inconsciente na medida que permanecem de direito acessíveis à consciência (conhecimento e recordações não atualizados por exemplo). Sendo assim, o pré-consciente está localizado entre o consciente e o inconsciente, e nele ficam as idéias, os pensamentos, experiências passadas e outras impressões que podem, com esforço, ser trazidas à consciência. As impressões do mundo exterior também são radicadas nele em forma de representações fonéticas e verbais. É o sistema pré-consciente que leva as tendências e representações objetivas inconscientes à consciência, só que nesta função, associa-se em forma de representações verbais, adquiridos na realidade. Como o pré-consciente se relaciona com a realidade externa e também com o inconsciente, no decorrer do sonho, são usados fatos reais, uma idéia concebida em estado de vigília, etc, afim de expressar um desejo inconsciente.

O sistema inconsciente é regido por processo primário, também o pré-consciente tem leis próprias que constituem o processo secundário, que compreende.

A) A elaboração de sucessão cronológica nas representações;

B) A descoberta de uma relação lógica;

C) O preenchimento de lacunas existentes entre idéias isoladas;

D) A introdução do fator causal, ou seja, relação de coexistência e sucessão entre os fenômenos: relação causa-efeito.

Durante o sono, essa tarefa se cumpre no pré-consciente, tal como acontece nos estados de vigília, em que a atividade se constitui o ato de pensar. “As idéias pré- conscientes”, disse Numberg: “aparecem enxertadas nos impulsos inconscientes, e daí surge a necessidade de distinguir a essência da enfermidade daquilo que é o resultado da elaboração secundária”.

O SISTEMA INCONSCIENTE

O conceito de o inconsciente é, em sua maior parte, no sentido de que nunca foi observado diretamente. Mas ao mesmo tempo é empírico, pelo fato de representar uma indiferença imprescindível para explicar, de maneira lógica e sistemática, um grande número de observações.

Será difícil, portanto, dar uma definição categórica de algo cuja a natureza só se desconhece intimamente e cujo conhecimento só se pode obter de forma indireta, mediante os dados que nos são fornecidos pelos sonhos, os atos falhos, os testes projetivos e a história de sintomas neuróticos e psicóticos. Praticamente se conhece o inconsciente em expressão consciente.

Os psicanalistas não são os únicos que admitem a existência de um inconsciente; filósofos e os psicólogos admitem a existência de um inconsciente, mas muitos o fazem de modo negativo. Mas para psicanálise, o inconsciente é psiquicamente positivo, é um sistema em constante evolução e investido de energia psíquica. Segundo o conceito de Freud, o inconsciente não é o contrário do consciente como dizia Lipps, nem é o degradé ou latente, a que os filósofos da introspecção e da intuição hesita em conceder a categoria de psiquismo. Pelo contrário, é o grau preparatório do consciente e, ainda mais exatamente, é o verdadeiro psiquismo, o psiquismo real (Freud).

Se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, seria incontestavelmente na palavra inconsciente, pois em psicanálise é a estrutura psíquica que compreende os impulsos e sentimentos dos

quais o indivíduo não tem consciência; é a pedra do fecho de toda teoria da psicanálise, em alemão é “o não sabido”.

O inconsciente é desconhecido para o indivíduo, mas partes de seu conteúdo podem, às vezes, passar à pré-consciência e daí virem manifestar no consciente.

Ao modo de atuar no inconsciente dá-se o nome de processo primário por ser a primeira forma de atuação, a mais primitiva do psiquismo. A teoria psicanalítica considera os processos psíquicos essencialmente inconscientes e que antes de chegarem a ser conscientes devem sofrer um complicado processo, que tem suas leis determinantes, regras de gramática especial e lógica primitiva que regem esse sistema, e que neste caso são as do processo primário.

No processo primário devem-se considerar os elementos que atuam, levando-se em conta que no aparelho psíquico o que chega a ser consciente provém do inconsciente. Ou seja, existe uma dinâmica que, como tal, deve ser regida por regras que a regem.

Processo primário e processo secundário

Convém que se comece com um comentário: quando tratamos da inacessibilidade, falamos em termos especiais, como se os sistemas Pcs e Ics fossem regiões da mente com fronteiras entre si. Naturalmente que tal idéia é uma ficção, mas uma ficção bastante útil, na medida em que explica a própria denominação da Teoria. Contudo, em 1900, Freud já dizia que os sistemas mentais que vinha de distinguir, não poderiam ser imaginados como localizações distintas, senão num sentido estritamente figurado. Completando o comentário, Freud disse que a melhor maneira de definir os sistemas Ics e Pcs, é em termos de descarga e de potencial de energia. O sistema Ics, por exemplo, é adequadamente definido como compreendendo aqueles elementos e processos mentais, que funcionam de conformidade com o processo primário. No que se refere aos sistemas Pcs e Ics, estes funcionam de acordo com o processo secundário.

Acerca do processo primário já falamos acima. Não obstante, vamos aqui distender a conceituação. O processo primário é assim designado por ser o primeiro dos dois padrões de funcionamento mental no quadro da Teoria Topográfica.

Desde os primeiros momentos da vida, quando o sistema Ics compreende praticamente a totalidade do aparelho psíquico, sua maneira de funcionar é, também, a única maneira de funcionar da mente. Um pouco mais tarde começa a aparecer um meio de funcionamento diferente, a que se dá o nome de Processo Secundário.

Os qualificativos primário e secundário, exprimem, apenas, uma conotação temporal e evolutiva, pelo que não se deve considerar o caráter ordinal que aparece na nomenclatura, já que é primário por ser eminentemente imediatista. É justamente no adulto que prepondera o processo secundário.

A principal característica do processo primário é a tendência de apresentar descargas totais e imediatas das energias mentais. Assim, catexias de energia mental sujeitas ao processo primário, exercem pressão contínua no sentido de serem descarregadas. Isto pode ser observado ante os desejos instintivos da primeira infância, que é quando o processo primário predomina sobre a mente. Seu campo de ação se desenrola dentro do lcs.

Mas há duas outras características do processo primário a se considerar:

- 1.** As catexias de energia mental são facilmente deslocadas, dotadas de acentuada mobilidade.
- 2.** Tais catexias são prontamente condensáveis.

No inconsciente devem ser considerados os seguintes mecanismos:

a) O deslocamento

Consiste na mobilização e mudança de lugar de uma carga psíquica, um deslocamento da importância de uma unidade para outra.

b) A condensação

Consiste na união de vários elementos separados que tem uma certa afinidade.

c) A projeção

Produz-se geralmente na paranóia, em que o sujeito projeta seus impulsos agressivos sobre outro ou outros, e depois sente-se perseguido e acusado por esses mesmos impulsos que ele projetou.

d) A identificação

A identificação ou transferência da ênfase do objeto para o sujeito constitui uma manifestação psíquica geral. Diz Numberg: “em todo momento nos identificamos com alguém”. Mediante esse processo, uma pessoa considera-se, em certa medida, semelhante a outra, o menino copia o modo de agir do pai, e esse processo de identificação parece ser

a possibilidade de uma mútua compreensão humana.

Tanto a identificação como a projeção constituem modos de deslocamento.

Ainda relacionado ao processo primário do inconsciente devemos alistar as seguintes características:

a) Ausência de cronologia

No inconsciente a cronologia não existe, e tampouco no sonho. Na vivência onírica podem ocorrer casos em que o tempo e o espaço estejam totalmente ausentes. Carecendo de sentido cronológico, o inconsciente não reconhece passado nem futuro, mas apenas um presente. Todas as tendências são vividas pelo inconsciente no tempo atual, inclusive quando se referem ao passado ou ao futuro. Um paciente de 35 anos lutava inconscientemente contra a autoridade paterna, apesar de seu pai ter falecido quando ele tinha apenas oito anos de idade.

b) Ausência de conceito de contradição

O princípio da não contradição não funciona no inconsciente, pois nele não há lugar para negação, esta só acontece pelo trabalho da censura na fronteira dos três sistemas Ics e Pcs/Cs. Inconscientemente, podem viver ódio e amor ao mesmo tempo sem que um atrapalhe o outro, nem mesmo parcialmente. Podem existir ao mesmo tempo um sim e um não...

c) Linguagem simbólica

Quando o inconsciente tem que dizer, expressa-o em forma arcaica, utilizando símbolos. (será abordado com maior detalhe no módulo sobre sonhos). É uma das poucas afirmações da psicanálise muito criticada, porém os símbolos existem como: logotipos, bandeiras, etc. Na Psicanálise, só é considerado símbolo, se o simbolizado estiver reprimido. Uma mangueira pode ser um símbolo de um pênis, mas ao contrário não, porque a imagem da mangueira não está reprimida. Freud chamou os símbolos de elementos mudos do sonho.

d) Igualdade de valores para a realidade interna e a externa, ou supremacia da primeira

Nos psicóticos e neuróticos a realidade interna é tão ou mais valorizada que a externa. O psicótico que vive a fantasia de ser mulher tem nela algo que é tanto ou mais válido do que sua personalidade real. Portanto, é perfeitamente natural que atue como tal. Também o psicótico que se crê milionário vive uma realidade interna mais válida

do que a externa; está convencido de que comprou todos os rios e campos do país e, num gesto de generosidade, que nele é autêntico, presenteia um amigo com duas fazendas e um outro com um rio inteiro. Isso parece engraçado, mas para o homem cuja ação psíquica está condicionada pelo processo primário, é algo tão sério e tão concreto quanto seria para um homem normal.

e) Predomínio do princípio do prazer

O homem normal aprende a esperar e a acomodar-se a fim de conseguir a satisfação dos instintos; em contrapartida, o neurótico e o psicótico, que se encontra dominados pelo processo primário, não podem suportar o desprazer, pois as tendências do inconsciente buscam sua satisfação, sem preocupar-se com as conseqüências que ela possa apresentar. Esse imperativo constitui o que se denomina o predomínio do princípio do prazer.

Dentro do sistema inconsciente é necessário levar em conta uma porção, uma parte dele, que se encontra integrada por elementos de uma natureza tal que, se chegassem a ser conscientes, apresentariam notáveis diferenças em relação aos demais. Esses elementos diferentes, que não tem livre acesso ao sistema consciente, constituem o que se denomina inconsciente reprimido.

Portanto, no inconsciente podem ser consideradas, hipoteticamente, uma parte composta por elementos que se encontram temporariamente nele e estão, por conseguinte, submetidos às suas leis, mas que podem a qualquer momento tornar-se conscientes; e uma parte cujos elementos não podem aflorar ao consciente mas chegam, mesmo assim, a produzir determinados efeitos por vias indiretas, alcançando a consciência sob forma de sintomas ou sonhos. Todo o reprimido tem que permanecer inconsciente mas não forma por si só todo o conteúdo desse sistema. O reprimido é, portanto, uma parte do inconsciente, o inconsciente reprimido, segundo Freud.

De acordo com o sistema hipotético, o id em sua totalidade e parte do ego e do superego encontram-se dentro do sistema inconsciente.

Quando estudamos a Teoria Topográfica, chegamos à conclusão de que a idéia central dominante é de que o aparelho psíquico pode ser dividido em sistemas, a partir da relação existente entre os mesmos e a consciência.

No que tange ao conflito mental, o dado de importância primordial da Teoria Topográfica é determinar se o desejo que desencadeia o conflito é o seu não acessível à consciência. Freud esclareceu bem este ponto, mencionando a possibilidade de dividir o

aparelho psíquico, rejeitando, quase que imediatamente, a idéia, vez que pode ele compreender que é no fato de um determinado elemento ser ou não consciente que se encontra o ponto de partida para as investigações psicanalíticas.

A partir daí, sustentou ele que, por causa disso, devemos, então, nos prender a esse conceito como diretriz, quando das nossas exposições teóricas.

Resumindo, podemos dizer que Freud estabeleceu que a Teoria Topográfica reflete, em grande parte, a sua experiência ao analisar neuróticos e que, em decorrência dessa experiência, a sua teoria retrata a mente humana em geral, dividida em três sistemas distintos, função, entretanto, da acessibilidade à consciência.

Dito isto, podemos, agora, detalhar mais a coisa e assim teremos:

- 1.** o somatório da energia mental investida num processo ou representação, é chamada de a sua catexização;
- 2.** o aspecto do funcionamento mental que se relaciona com a energia mental empenhada em determinado fenômeno psíquico, é chamado de o aspecto econômico (ou seja, quantitativo) desse fenômeno.
- 3.** tendo sido a energia mental definida como originária dos impulsos instintivos e desencadeadora da atividade mental, podemos, então, presumir que a gratificação instintiva, resulta em uma descarga de energia mental e que qualquer tipo de atividade psíquica, costuma fazer-se acompanhar de transferência ou de um fluxo de energia mental.

Topografia de Personalidade

A divisão topográfica da Personalidade compreende o Consciente, o Pré-consciente e o Inconsciente.

- Consciente inclui as porções da vida mental a que o indivíduo tem acesso de forma imediata. Inclui, também, a maior parte, mas não a totalidade do Ego.
- Pré-consciente inclui as partes da vida mental que podem ser trazidas ao consciente após um esforço de concentração da atenção. Compreende, principalmente, o Ego.
- Inconsciente é desconhecido para o indivíduo, conquanto partes do seu conteúdo possam, às vezes, passar para a pré-consciência e daí virem a se manifestar no consciente.

Conceituação da Teoria Estrutural

Freud a ela se refere nos anos de 1923, 1926, 1932 e 1940. Encontramos referências espalhadas em vários textos, porém sem significação sistemática.

Em que consiste esta Teoria?

A Teoria Estrutural foi criada com o objetivo de conseguir a correspondência que falta a Teoria Topográfica. Segundo ela a mente é dividida, na concepção de Freud, em funções psíquicas que se apresentam habitualmente associadas entre si, em situações de conflito mental, e das que se colocam em oposição.

Nesse caso, a divisão principal da mente é feita em duas partes:

Uma parte chamada de Id - acha-se diretamente relacionada com os impulsos instintivos, ao passo que a outra - denominada Ego - é mais coerente e mais organizada. Ela regula ou opõe-se aos impulsos, exercendo função mediadora entre estes e as exigências do mundo externo. Na verdade, a segunda parte - o Ego - é já constituído pela ação do mundo externo sobre as idiossincrasias da pessoa em desenvolvimento. Desse modo, parece melhor colocar a terceira parte desta Teoria, a vir ser chamada de Superego, como o mediador, permitindo que o Ego seja desenvolvido de um modo socialmente possível.

A divisão proposta corresponde ao que é possível observar-se do funcionamento da mente em situações de conflito em torno de um impulso instintivo. De um lado, nesse conflito, encontra-se o desejo instintivo com as lembranças e fantasias a ele associadas. De outro lado, estão as forças anti-instintivas da mente, tanto morais como defensivas. A Teoria Estrutural cria uma segunda divisão dentro do próprio Ego, separando do resto do Ego aquelas funções que podem ser chamadas de morais. A estas dá-se o nome de Superego. Esta divisão corresponde aos conflitos auto-punitivos.

A Teoria Estrutural, portanto, divide a mente em três grupos de funções, denominada o Id, o Ego e o Superego. A divisão faz-se de tal maneira que os principais tipos de conflitos mentais com os quais estamos familiarizados podem ser descritos como ocorrendo entre o Id, de um lado, e o Ego do outro lado. Às vezes podem ser também entre o Superego e o Ego. Entendemos, contudo, que o Superego é mediador de quaisquer conflitos (Teoria pessoal do autor). No que estamos apresentando, cada grupo de funções é comumente chamado de estrutura mental de onde vem o nome de Teoria Estrutural.

Passo a apresentar a caracterização desta Teoria, segundo o que abstraímos da obra de Freud.

- O id
- O Ego
- O Superego

O ID

É formado pelos representantes mentais dos impulsos instintivos. Representa a grande fonte de energia mental para o aparelho psíquico, considerado em seu todo. Os desejos do Id exigem gratificação, e assim fazendo, impelem as funções do Ego à ação. O essencial é saber que o impulso e a energia do Ego provêm do Id.

De acordo com esta Teoria, também chamada da “Dualidade dos Instintos” (Freud, 1920), supõe-se que a energia do Id seja de dois tipos: energia agressiva, decorrente do instinto agressivo, e a libido, proveniente do instinto erótico.

As catexias do Id são móveis e pedem descarga rápida e imediata.

O EGO

É, falando em sentido figurado, a camada diferenciada, cortical, do Id, a parte do Id que está em contato com o mundo externo.

O papel determinado pelo Ego na vida psíquica desenvolve-se gradativamente. A princípio, o Ego é representado por um grupo de funções sensoriais e motoras que atuam como reservas obedientes do Id e, assim dizendo, como suas representantes junto ao mundo externo. Parece fora de dúvida que numerosos fatores acham-se envolvidos na evolução do Ego para uma organização coerente das funções mentais. Um desses fatores é o amadurecimento do sistema nervoso. Igualmente indispensável ao desenvolvimento normal do Ego são o que chamamos de boas relações objetais primitivas. Queremos referir-nos aqui a um

conjunto de experiências com pessoas de seu meio ambiente capaz de oferecer ao indivíduo, enquanto bebê, gratificação e frustração em doses adequadas ou favoráveis (Spitz, 1945 e Kris, 1950).

Um passo especialmente significativo no desenvolvimento do Ego é a aquisição da linguagem, que segundo Freud, é um processo que resulta em incalculável facilitação do pensamento.

O SUPEREGO

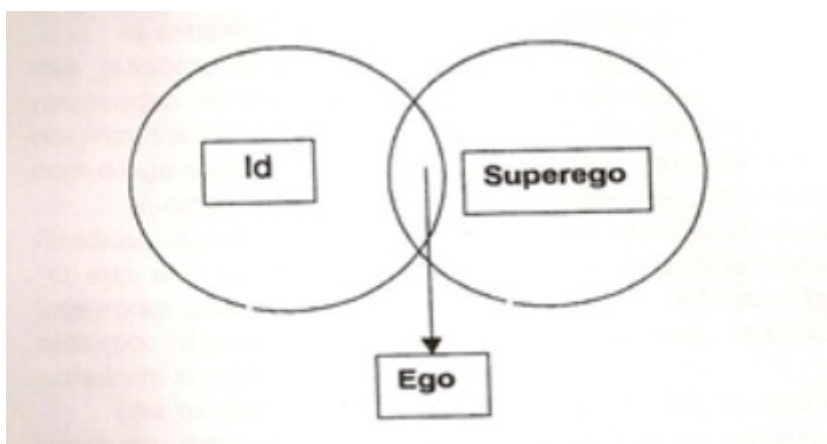
Pode ser definido como grupo de funções psíquicas ligado às aspirações ideais e às exigências e proibições morais. Podemos acrescentar que constituem o Superego, todo processo de educação e controle da sociedade, exercido de modo sistemático e assistemático.

Em termos bem pan-sexualistas, o Superego, encontramos o rival edipiano como a fonte principal das identificações que formam o seu núcleo. Freud imaginou o Superego como uma parte especializada do Ego.

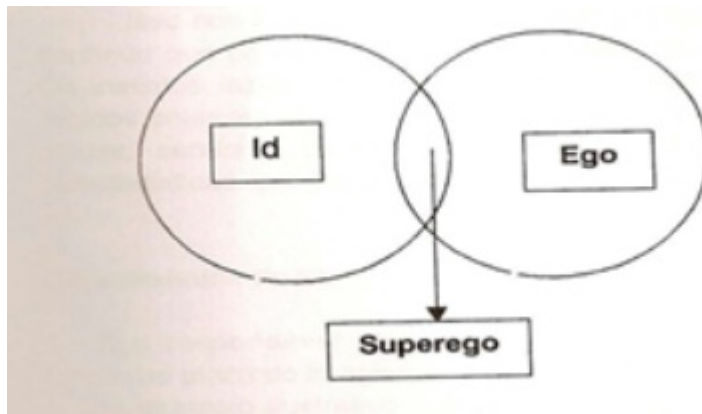
A atividade do Superego pode manifestar-se de várias maneiras. Assim, pode reger as atividades do Ego - em particular as atividades anti-instintivas, defensivas - de acordo com os seus padrões morais. O Superego funciona, também, de maneira a dar origem, dentro do Ego, a um sentimento de culpa, de remorso, ou a um desejo de penitenciar-se ou de fazer reparação.

Vamos representar a Teoria Estrutural de duas maneiras:

A - A mais comum e discutível (Id - Ego - Superego)



B – A mais coerente (Id – Superego – Ego)



Por que considero a segunda concepção como a mais coerente? Freud concebeu a Teoria Estrutural como constituída de duas partes (círculos).

Nesta concepção, as duas partes, circunscritas na figura acima, produzem, como resultado da interseção, o Superego. Como explicar? O Ego é formado no homem social. Como tal é resultado da pressão social, que já é ação superegógica efetuada a partir dos primeiros meses de vida.

Nas diversas exposições que apresentou da concepção do aparelho psíquico, Freud usa a maioria das vezes, para designar as suas partes ou estruturas, os termos sistema ou instância. O termo sistema corresponderia melhor ao espírito da primeira tópica, e o termo instância à segunda concepção do aparelho psíquico, ao mesmo tempo mais dinâmica e mais estrutural. Como já sabemos, dentro da visão estrutural encontramos três instâncias: o id, o ego e o superego. Vejamo-las.

O Id

Id constitui o pólo pulsional da personalidade. Os conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos, e por outro, recalçados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista genético, são as diferenciações.

A denominação id foi introduzida na terminologia psicanalítica por George Groddek, que por sua vez tomou de Nietzsche, sendo legitimada por Freud em seu livro "O ego e o id", ao lhe conferir um determinado conteúdo conceitual.

O id está integrado pela totalidade dos impulsos instintivos. Tem conexão íntima com o biológico, de onde extrai as energias distintivas

que por intermédio dessa instância, adquirem sua exteriorização psíquica.

As tendências do id coexistem de forma independente e não são regidas por nenhuma organização unitária. Tudo o que se desenvolve no id está submetido ao processo primário, por isso é regido pelo princípio do prazer e é, em suma, o ser primitivo sem freios.

Isso nos leva à questão do instinto, o qual é considerado um excitante interno contínuo que produz, quando é respondido de forma adequada, um gozo específico. Os instintos fazem parte do id, que está totalmente submerso no inconsciente são regidos pelas leis desse sistema. Todo instinto tende a chegar a um fim - estado de prazer, sendo o exemplo mais típico o do orgasmo genital. Os instintos têm características que lhe são próprias e distintivas: fonte de origem, impulso, objeto e fim.

Característica do Id

1 - É o responsável pelo processo primário. Diante da manifestação do desejo, forma, no plano do imaginário, objeto que permitirá sua satisfação.

Um exemplo ilustrativo é o sonho, onde os desejos vão tentando uma satisfação alucinatória ao nível das imagens geradas. Já vimos que um desejo corresponde a uma carência que, ao ser satisfeita, gerará prazer. Os desejos não podem satisfazer-se com objetos apenas alucinatórios. Mas é necessário que uma imagem, ou seja, um objeto alucinatório seja gerado, para que o Ego, responsável pelas relações de realidade, possa satisfazê-lo na prática.

2 - Funciona como princípio do prazer. Busca a satisfação imediata das necessidades. O processo primário é sua tentativa alucinatória de satisfação imediata. Não questiona qualquer aspecto da adaptação do desejo à realidade física, social ou moral. As interdições virão do Ego ou do superego. O id sempre manterá o modelo de querer, e de querer a qualquer preço.

3 - Inexistente o princípio da não-contradição. Como não é dimensionado pela realidade, podem estar presentes desejos ou fantasias mutuamente excludentes dentro da lógica. Voltemos aos sonhos, que são a melhor maneira de exemplificarmos os processos do Id. Neles podemos estar mortos e vivos ao mesmo tempo. Podemos entrar no fogo, e o fogo ser frio. Podemos nos ver em dois lugares ao mesmo tempo. À medida em que o princípio da não-contradição inexistente todas as coisas são possíveis ao nível do Id.

4. É a temporal. A única dimensão da vivência é o presente. Não há passado ou futuro, mas existe a elaboração de uma dimensão. Única, vivida como presente. Reviver (recordar) é o mesmo que viver nos sonhos, a recapitulação de um acidente é vivida como o próprio acidente. Nos sonhos, um projeto de realização futura é vivida como realização presente. Nos próprios devaneios que temos, ou seja, quando sonhamos acordados, transformamos em realizações presentes os desejos com perspectivas realizações futuras. Fantasiamos-nos dentro do carro que gostaríamos de comprar. Quando compramos um bilhete de loteria, surpreendemo-nos, fazendo planos para a utilização do dinheiro, como se já o tivéssemos ganhado.

5. Não é verbal. Funciona pela produção de imagens. Temos utilizado os sonhos para exemplificar o Id. Mas quando nos recordamos de um sonho, já efetuamos uma elaboração secundária sobre ele, ou seja, já o reduzimos ao domínio da linguagem. Em sua forma original, os sonhos são basicamente plásticos. As imagens são criadas, fragmentadas, deslocadas, combinadas, de forma a se adequarem à satisfação do desejo.

6. Funciona basicamente pelos processos de condensação e deslocamento, que são os processos básicos do inconscientes. Na condensação, agrupamos, dentro de uma imagem, características pertencentes a vários processos inconscientes. No deslocamento, as características de uma imagem são transferidas para outra, com a qual o sujeito estabelece relações como se fosse a primeira. A diferenciação é enquanto modelo, porque dentro do funcionamento real os processos de condensação e deslocamento são superpostos.

7. Finalmente, o Id é uma instância estruturalmente inconsciente. Todos os processos descritos são estruturados sem percepção ou participação do consciente. Devemos frisar que o Id não é o inconsciente, mas é, em quase sua totalidade, inconsciente. Os desejos oriundos do Id podem ser percebidos pela consciência, quando não sofrem repressão. E veremos a seguir que as outras instâncias, o Ego e o Superego, são em parte e em inconsciente.

O Ego

De um ponto de vista histórico, o conceito tópico do ego é o resultado de noção constantemente presente em Freud desde as origens do seu pensamento. Para ele, o ego nada mais é do que uma parte do id modificado pelo impacto ou interação das pulsões internas e dos estímulos externos. Durante as primeiras etapas da psicanálise, identificava-se todo o ego com o consciente. Mas pesquisas posteriores demonstraram que essa instância tem partes que atingem o pré-consciente e até mesmo o inconsciente. O principal papel do ego, portanto, é coordenar funções e impulsos internos, e fazer com que os

mesmos possam expressar-se no mundo exterior sem conflitos. Por isso a antiga oposição entre consciente e inconsciente deixou de ser válida; pelo contrário, considera-se aquilo que tem importância e na realidade ocorre, do ponto de vista econômico-dinâmico, é que uma força do ego

- que foi tomada do id

- opõe-se aos impulsos instintivos que tentam expressar-se. O ego dispõe de uma organização e é capaz de dirigir todas as tendências do id para uma finalidade determinada. O ego representa eminentemente, no conflito neurótico, o pólo defensivo da personalidade; põe em jogo uma série de mecanismo de defesa, estes motivados pela percepção de um afeto desagradável (sinal de angústia).

Características do Ego

Freud não teve a preocupação de delimitar pedagogicamente as características do Ego. De seus vários trabalhos, podemos enumerar as seguintes características como constituintes do Ego:

1. Dá o juízo de realidade, funcionando pelo processo secundário. O Id dá o nível do desejo, o nível do querer, independentemente das possibilidades reais de o desejo ser satisfeito ou não. O Ego partirá do desejo da imagem formada pelo processo primário, para tentar construir na realidade caminhos que possibilitem a satisfação do desejo.

2. Intermediários entre os processos internos (Id-Superego) e a relação destes com a realidade.

Num diagrama, o processo seria assim:

Diante da manifestação do desejo, duas proibições podem opor-se: As proibições morais, oriundas do superego, e as interdições da realidade objetiva. Por exemplo, é um sonho humano voar. Quantas vezes, nos nossos sonhos magicamente alçamos vôo sem que tenhamos asas. O desejo não conhece proibições. É necessário que o Ego, instância de realidade, nos estabeleça limites, ou possibilite-nos a aquisição de instrumentos de vôo. Se estivermos apenas no nível do desejo, repetiremos o sonho trágico de Ícaro, pois as asas da imaginação não vencem a gravidade. Cabe exatamente ao Ego efetuar a conciliação entre os desejos e proibições internas e os desejos e proibições da realidade objetiva, de forma a possibilitar a atuação conciliatória mais produtiva para o sujeito.

3. Setor mais organizado e atual da personalidade. O Id como matriz instintiva, é uma estrutura arcaica, filogenética. O Superego contém proibições que também são oriundas da evolução por

exemplo, os tabus contra o incesto, o parricídio, o matricídio, o filicídio. Os valores morais a serem internalizados são do grupo ao qual o indivíduo pertence, portanto também anteriores a ele.

Cabe ao Ego organizar uma síntese atual tornando o indivíduo único e original e permitindo-lhe uma adaptação ativa ao mundo presente em que vive.

4. Domina a capacidade da síntese. Aqui englobam todas as funções lógicas do funcionamento mental, que para a Psicanálise são atributos do Ego. A memória e o desenvolvimento do pensamento lógico e operatório estão aqui contidos. Resta lembrar que o conhecimento epistemológico da construção do real é obra de Piaget. Para a Psicanálise a organização destas funções só interessa ao nível individual, quando as perturbações afetivas comprometem seu funcionamento.

5. Domínio da motilidade. O domínio do esquema corporal instrumental, ou seja, o domínio das praxias é uma função do Ego. A nossa atuação corporal é o nosso instrumento prático de realização do processo secundário. E é exatamente por estar o domínio da motilidade situado no Ego, que quando este se vê enfraquecido por distúrbios afetivos, a atuação corporal fica prejudicada, rígida, estereotipada, perturbada em suas relações práxicas.

6. Organiza a simbolização. O processo primário é plástico. O processo secundário, ao organizar a linguagem, organiza o domínio sobre a realidade física e psíquica.

7. Sede da angústia. Como instância adaptativa, o Ego é o responsável pela detecção dos perigos reais e psicológicos que ameacem a integridade do indivíduo. De acordo com a origem do perigo, classificamos a angústia em:

a) angústia real - normalmente denominada medo. É o sinal que mobiliza o indivíduo diante da perspectiva de uma agressão real. Tem inclusive uma dimensão biológica bem definida, ou seja, diante do perigo uma descarga de adrenalina na corrente sanguínea mobiliza uma vasodilatação muscular e uma vasoconstrição periférica e visceral, propiciando ao organismo condições para lutar ou fugir.

b) Angústia neurótica. É temor existente no Ego de que o Id, ou seja, os desejos prevaleçam sobre os dados da realidade. Na prática isto acontece numa espécie de sentimento de que estamos enlouquecendo, ou de que não resistiremos ao impulso de matar alguém, ou de fazer atos em que perderemos nosso controle.

c) Angústia mortal. É um sentimento acusatório no qual sentimos que erramos, que somos maus, e nada mais poderá ser feito a não ser espiar a culpa. Este sentimento provém da atuação de um superego rigoroso que, ao perceber os desejos que condena, passa a punir permanentemente o indivíduo como se a transgressão houvesse ocorrido. A confissão dos pecados por pensamento, existe em nossas religiões, é um bom exemplo do processo. Por imaginar um ato desonesto, a acusação superegógica de criminoso nos perseguirá, ao imaginar uma atuação sexual nos sentimos imorais e desmerecedores do amor das outras pessoas.

O Superego

Só forma na mente sadia. Está integrado ao Id e ao Ego e é o controlador de ambos. É comparado a um filtro ou sensor, e é influenciado pelos princípios religiosos, cultural, história do povo, etc. Esse estatuto para “viver bem em relação” denomina-se “consciência” ou “voz da consciência”, e é o conhecido na nomenclatura psicanalítica, desde a publicação de o Ego e o Id, de Freud, em 1923, como Superego, a terceira das instâncias em que consiste o aparelho psíquico na topografia hipotética de Freud.

O Superego representa todas as restrições morais e todos os impulsos para a perfeição. É o instrumento psicológico do que se costuma chamar “as coisas superiores da vida”. O conhecimento de suas existências e formas de atuação constitui uma grande ajuda para a compreensão de diferentes sintomas, da conduta social do homem e de problemas sociais agudos, como a delinqüência. Segundo Freud, a formação do Superego é correlativa do declínio do Complexo de Édipo; a criança, renunciado a satisfação dos seus desejos edipianos marcados interdição, transforma seu investimento nos pais, em identificação com os pais, interioriza a interdição.

As funções do Superego:

A auto-observação, a consciência moral, censura onírica, a influência principal na repressão e a exaltação dos ideais.

A PERSONALIDADE E SUA DINÂMICA

A energia psíquica, de que, mais acima, já se falou, aparece, subjetivamente, nas manifestações de força e de entusiasmo. É universal e indiscutivelmente reconhecida, mas é, também intraduzível em termos fisiológicos. Constitui-se numa hipotética força propulsora, responsável por todas as ações psicológicas.

No interior da personalidade, encontram-se, em plena atividade, os instintos e a ansiedade. Vejamo-los:

Os instintos emanam, todos, do Id basicamente, dispomos de dois: o sexual e o agressivo.

1. O sexual (libido, instinto de vida), compreende o conjunto de energias instintivas que produzem a gratificação individual e a perpetuação da espécie. Sua parte principal está relacionada ao impulso sexual, que tem suas fontes nas zonas erógenas do corpo (genital, oral e anal), cujo estímulo ou manipulação pode produzir sensações agradáveis. Temos como derivados desse instinto, o afeto, o amor, o desejo de reprodução, a necessidade de nos associarmos à outras pessoas, a criatividade no trabalho, a prática das artes etc.

2. O Agressivo: compreende todas as forças destrutivas e hostis da psique humana e seus derivados compreendem o impulso de auto-afirmação, a ambição, a competição, o desejo de vencer e o impulso para triunfar.

Frequentemente ocorrem fusões entre os impulsos sexuais e os agressivos, que é o que se observa quando alguém compete na conquista de alcançar um objeto de amor, ou quando luta para preservar a integridade do lar e ainda, as atividades francamente sádicas e auto-destrutivas (estas que são as que tradicionalmente eram classificadas como masoquistas), constituem mais um exemplo da fusão referida, com a agressão aos outros no sadismo e a si contra o próprio Ego. Destaque-se que em ambas as atividades, ocorre uma liberação de tensão sexual.

3. A ansiedade: sob condições normais, a ansiedade previne contra um perigo iminente, pois ao ser despertada motiva a pessoa a se por em condições de luta ou fuga.

Há três tipos de ansiedade:

- A real, que é o medo de perigos reais do mundo exterior, assim é que, ao sentirmos o cheiro da fumaça, teremos o fogo.

- A neurótica: que é o medo de que os instintos escapem do controle, obrigando a pessoa a fazer algo que não a leve a punição. É o caso do indivíduo que odiando um chefe, tenta que por meio de seus atos transpareça o ódio, o que poderia resultar na sua demissão do emprego.

- A moralística: que é o medo do Superego, que sente o indivíduo quando faz algo que fira seu código moral.

Pode acontecer que a ansiedade neurótica se torne em ansiedade livremente flutuante. Isso ocorre quando os sentimentos ansiosos que emanam de um conflito específico se expandem para uma série de situações aparentemente neutras ou irrelevantes, de tal modo que o indivíduo não consegue explicar qualquer ligação entre os sentimentos ansiosos e quaisquer outras situações específicas.

A PERSONALIDADE E O SEU DESENVOLVIMENTO

Falando-se de forma bem sintética, podemos dizer que a personalidade se desenvolve em resposta a três principais fontes de tensão:

1. Processos fisiológicos do crescimento;
2. Frustrações externas aos impulsos; e
3. Conflitos internos entre forças dinâmicas.

Tais fontes constituem as ameaças do Ego infantil, contra o qual a criança tem de desenvolver os meios necessários para alcançar a redução destas tensões que se caracterizam por serem recorrentes, o que, ao final, resultam no processo, de desenvolvimento da personalidade.

O desenvolvimento da personalidade dá-se em estágios, que para fins didáticos, dividiremos em pré-edipiano, edipiano, de latência, da puberdade e início da Adolescência, Adolescência final.

O ESTÁGIO PRÉ-EDIPIANO

É o estágio que vai do zero até quatro anos. Dentro dele se encontram as fases oral, anal e fálica.

FASES DE DESENVOLVIMENTO DA LIBIDO

A libido é a energia afetiva original que sofrerá progressivas organizações durante o desenvolvimento cada uma das quais suportada por uma organização biológica emergente no período. Cada nova

organização da libido, apoiada numa zona erógena corporal, caracteriza uma fase de desenvolvimento. Podemos definir uma fase de desenvolvimento como “a organização da libido, em torno de uma zona erógena, dando uma fantasia básica e uma modalidade de relação de objeto”.

A libido é, portanto, uma energia voltada para obtenção de prazer. Nesse sentido que a definimos como uma energia sexual, num sentido amplo, e que caracterizaremos cada fase de desenvolvimento infantil como uma etapa psicosexual de desenvolvimento. Estamos especificando que a sexualidade não é vista pela Psicanálise em seu sentido restrito usual, mas abarca a evolução de todas as ligações afetivas estabelecidas desde o nascimento até a sexualidade genital adulta. Por definição todo vínculo de prazer é erótico ou sexual. Ao organizar-se progressivamente em torno de zonas erógenas definidas, libido caracterizará três fases de desenvolvimento infantil: a fase oral, a fase anal e fase fálica, um período intermediário sem novas organizações, o período de latência, e uma fase final de organização adulta, a fase genital. Para a compreensão do processo apresentaremos um relato descritivo das fases de desenvolvimento propostas por Freud. Isto nos ajudará a caracterizar os momentos evolutivos de um desenvolvimento normal.

FASE ORAL (0 ATÉ 1-2 ANOS)

Nesta fase, o interesse primário do infante está concentrado em sua boca e o que ele pode realizar, assim, o levar tudo à boca e o sugar, adquirem a maior importância. Um pouco mais, quando já dispõe de dentes, o morder também passa a ter uma grande expressão.

Os sons e os movimentos da boca passam a ser altamente gratificantes, como cuspir, balbuciar, babar. Há também, um desejo de colocar tudo na boca.

Nesta fase os objetos (as pessoas), não são, inicialmente reconhecidos e o seio é o objeto desejado (que dizemos ser um objeto parcial, vez que a mãe não é como pessoa).

O infante é narcisista e os prazeres são auto-eróticos. Ele se considera o centro do mundo, para aprender, mais tarde, que não é tudo, que o seio é separado dele e que está na mãe e que pode ser removido, mesmo que ele não queira que isso aconteça. Mais tarde ainda, descobre a custa de muitas frustrações, que o mundo não está sob seu controle.

Das experiências citadas, o indivíduo aprende que as limitações do seu próprio corpo e que é uma entidade completamente separada, surgindo, então, com o conceito de entidade separada, o ego original, que é, diz-se, um ego-corpo.

São da fase oral os elementos básicos de muitos impulsos parciais, que poderão se manifestar em uma fase qualquer, inclusive na adulta, como o beber, o falar, o comer em excesso; o agredir com palavras, (correspondendo ao morder), como xingar, humilhar com palavras, fazer gozações, ser sarcástico; ser passivamente protegido (o mesmo que ser alimentado como uma criança); engolir uma pessoa, que é o mesmo que devorar alguma coisa. O oposto também presume um caráter oral: a frugalidade no comer, correspondendo à relutância em falar.

A FASE ANAL (1 A 3 ANOS)

Nesta fase, as energias libidinais centralizam-se na retenção a expulsão das fezes e muita atenção é direcionada ao controle do esfíncter anal (treinamento higiênico) e neste ato, estão envolvidos um grande prazer e um marcante sentimento de realização.

Constituem, também, experiências gratificantes, controlar seu próprio corpo e os pais, agradando-os, aborrecendo-os ou preocupando-os, por meio do controle do esfíncter. Aliás, as raízes da ulterior conduta obsessiva-compulsiva, em que há muito de refrear, controlar, liberar, relacionam-se, diretamente, com as ações que caracterizam, a fase anal. Do mesmo modo a capacidade de sujar alguém e de, com isso, sentir um grande prazer.

Nesta fase manifesta-se, também, o fenômeno que poderá vir à caracterizar alguém: a ambivalência, que é a simultaneidade de sentimentos antagônicos (amor e ódio), correspondendo ao forte desejo de reter e expelir fezes.

É uma fase de desenvolvimento, também, narcisista e auto-erótica.

O VALOR SIMBÓLICO DOS ANAIS

Dentre os produtos que a criança elabora, as fezes assumem um lugar central na fantasia infantil. São objetos que vêm de dentro do próprio corpo, que são de certa forma, partes da própria criança. São objeto que geram prazer ao serem produzidos. Durante o treino de esfíncteres, as fezes são dadas aos pais como prendas ou recompensas. Se o ambiente é hostil, são recusadas. A nós adultos, pode parecer

ingênuo enfatizar tanto o valor psicológico das fezes. Pois bem, observaremos uma mãe ensinando a criança a utilizar o “troninho” ela elogia o esforço da criança, incentiva, torce para que ela consiga e, quando o produto finalmente vem, é recebido com honrarias; canta-se “parabéns” e “pique-pique” para cocô. Todo este processo é vivido por nós como absolutamente normal.

Quando o desenvolvimento é normal, ou seja, quando a criança ama, sente que é amada pelos pais, cada elemento que a criança produz é sentido como bem valorizado. O sentimento básico que fica estabelecido a levará em todas as etapas posteriores da vida, sentir que ela é adequada e que seus produtos são bons; portanto estará sempre livre e estimulada a produzir. Temos visto vários livros correlacionando fase anal com capacidade artística. Isto é só uma parte do processo. Sentimento de que o que produzimos é bom é necessário para todas as relações produtivas que estabelecemos com o mundo. Produzimos no trabalho, e temos de sentir que nosso produto é bom, produzimos filho e temos de sentir que nosso produto é bom. Só poderemos criar se houver um sentimento interior de que nossos produtos são bons.

É um processo anormal a criança por coisas no mundo, como também é normal discriminar quando e para quem dá seus produtos, mas pode ocorrer que as relações de angústia predominem sobre as relações de amor os primeiros produtos infantis não são mais objetos de valor, mas se constituem em armas destrutivas que agridem o mundo toda vez em que são produzidos. Por exemplo, em uma mãe neurótica que entra em pânico toda vez que a criança suja fraldas ou que por não suportar barulho, obriga a criança ao silêncio. Isto concretiza para a criança a fantasia de que seus produtos são maus e destrutivos. É uma defesa usual expelir tudo que há em nós e que sentimos que é mau. Atiramos então nossos produtos destrutivos no mundo e, como depositário de agressões, o mundo se tornará mal e destruidor. A projeção dos maus produtos sempre cria um mundo perseguidor.

A paranóia é a primeira filha do fracasso em estabelecer a colocação dos produtos infantis do mundo. A neurose obsessiva é a segunda conseqüência no fracasso do desenvolvimento da fase anal. Se os produtos foram projetados numa estrutura paranóica, na estrutura obsessiva são retidos e controlados. Se os produtos geram angústias “necessito exercer um grande controle sobre o que posso liberar e sobre as pessoas para quem liberarei minha produção”. O amor e o feto vão progressivamente cedendo terreno à temática do controle e da organização, até que um mundo, que deveria ser estruturado sobre o afeto, seja substituído por um mundo frio e formal. O obsessivo torna-se afetivamente desativado, roboriza-se nas ritualizações frias e formais e torna-se incapaz de criar.

FASE FÁLICA (3 A 5 ANOS)

Nesta fase o pênis ou o clitóris entram no foco das energias libidinais. Os meninos se divertem com a capacidade de direcionar o jato de urina, sentem prazer no toque no membro e se interessam pelo fato de as meninas não o possuírem. Ai se encontra a raiz da preocupação com a força, com a competição, com o poder, com o desejo de ser maior, mais poderoso, mais importante.

A fase fálica é, inicialmente, auto-erótica, mas, gradualmente, o interesse se desvia para o genitor do sexo oposto.

O ESTÁGIO EDIPIANO

É o estágio que vai dos 03 - 04 anos até 06 - 07 anos. É, também, o mais importante do desenvolvimento da personalidade. É, nele que a criança desenvolve um grande interesse pelo genitor do sexo oposto e conseqüentemente, um forte sentimento de rivalidade em relação ao genitor do mesmo sexo, com o desejo de deslocar este.

Durante este tempo, a criança aprende que seus desejos sexuais são proibidos, apresentando sentimentos de amor e ódio em relação ao genitor do mesmo sexo. Isso leva a sentimentos de ansiedade e culpa, bem como de medo de punição pelo crime.

Nos meninos, essa fantasia (grandemente inconsciente), toma a forma de medo de castração. Nas meninas, há o medo de uma mutilação genital, o que seria um agravamento, num ser que já se sente inferiorizada a vista do fato de não possuir pênis.

Posteriormente a mulher desenvolve o que Freud chamou de inveja do pênis, que se manifesta como um desgosto pelos privilégios masculinos, podendo, parcialmente, explicar a tendência evidenciada por algumas mulheres em competirem com os homens, quanto ao posicionamento social e quanto as oportunidades de dirigir instituições, de exercer liderança.

COMPLEXO DE ÉDIPO

Um oráculo anunciou a Laio, rei de Tebas e a rainha Jocasta, que seu próprio filho o mataria e se casaria com a mãe.

O rei, assustado, ordenou que levassem o filho, Édipo, para longe da cidade. O menino foi criado por outro rei, cresceu forte e sábio, até que um dia encontrou um homem em uma estrada, teve com ele uma briga e o matou. Era seu pai.

Édipo chega a Tebas, a cidade se encontra ameaçada por um monstro, a esfinge, que devora todo aquele que não consegue resolver seus enigmas. Qual é o animal que tem 4 (quatro) pés ao amanhecer, 2 (dois) ao meio-dia e 3 (três) ao anoitecer?. Édipo responde - O homem, em cuja infância engatinha, anda ereto, sobre dois pés, na maturidade e ao envelhecer toma a ajuda de uma bengala.

A esfinge é derrotada e se joga no mar. Édipo torna-se rei de Tebas e se casa com a rainha Jocasta, sem saber que se tratava de sua própria mãe. Tiveram filhos e foram felizes, até que descobriram a verdade e a tragédia se consumou. Édipo fura seus olhos e Jocasta se enforca.

A formação do superego

A intensidade do medo de castração torna-se tão intensa e intolerável, que a criança é obrigada a render-se ante um ritual muito poderoso e a desistir dos seus desejos em relação ao genitor do mesmo sexo e sexual em relação ao do sexo oposto, a criança identifica-se com partes de cada genitor, tornando-as parte de si mesma, parte essa, que vai formar o Superego da criança.

Como Superego, tem-se que é o que a criança internaliza, tomando de cada genitor, desde que seja classificado como valor moral e como ideal. Uma porção do Superego será a parte que estabelece o que seja certo ou errado. A outra parte, que é o chamado Ego-Ideal, é composto pelas características elevadas que todos devem portar, para se tornar digno dos elogios e da aprovação geral. O Superego é, principalmente, uma parte inconsciente da psiquê.

O conflito edipiano: a resolução.

Tanto na resolução do conflito edipiano, quanto na formação do Superego, no menino, dá-se algo como se fora o seguinte quadro: não há como eu ter minha mãe só para mim, mas eu posso fazer com que uma parte dela (no caso os ideais, as inclinações, os critérios de julgamento) se torne parte de mim, assim sendo, eu a possuirei de um modo seguro.

Do meu pai, a quem amo e odeio (e por isso mesmo temo), não posso me livrar, mas para que ele não mais me venha a castrar, eu vou me tornar como ele (adotando partes dos seus princípios morais e valores) e aí então ele gostará de mim e não será mais perigoso para

mim.

Vejamos, agora, como a coisa se dá em relação às meninas. A atração da menina pelo pai é, também, denominada de edipiana (os Junguianos dizem Complexo de Electra, nós nunca).

A resolução da situação é muito mais complexa para a menina do que para o menino, pois este, a despeito de ter de desistir de sua ligação com a mãe, normalmente, quando maduro, vem a contrair uma ligação com uma mãe, substituta, a esposa. Já a menina, que começa ligada à mãe, sente-se atraída pelo pai na fase edipiana, odeia a mãe, quer ter o pai só para si, mas acaba por desistir, compensando-se com o propósito de vir a ter um homem seu. Mas acontece que uma mulher sadia, não é capaz, como o homem, de encontrar substituição para a ligação infantil, pelo que, é levada a compensar-se propondo-se ela mesma a vir ter um filho, tornar-se mãe e assim realizar uma satisfatória relação mãe-filho.

Não sendo o período edipiano satisfatoriamente resolvido, podem ocorrer algumas variações de alterações afetivas:

1. A excessiva identificação com o genitor do sexo oposto, pode estar associada ao desenvolvimento de características femininas (homossexuais) no menino, ou mesmo nas meninas.

2. O medo do genitor do sexo oposto, pode prejudicar a capacidade individual em lidar com pessoas deste sexo em fase ulterior da vida.

3. Um estágio edipiano parcialmente solucionado, pode resultar num superego mal formado ou mesmo deficiente, o qual pode vir a ser determinante de alterações sociopáticas do caráter e das neuroses.

• Até onde se sabe, parece que mesmo as psicoses, podem provir de problemas edipianos precoces.

Causas de uma solução não satisfatória do Estágio Edipiano

1. Acesso ao período edipiano com conflitos na fase oral, anal ou fálica, que são do período pré-edipiano, trazendo para o período novo, alguém sem energia suficiente para enfrentar as novas circunstâncias;

2. A ausência de um dos genitores (sem, também, haver um substituto à altura), devido a divórcio ou qualquer outro tipo de separação.

3. Severa psicopatologia da parte de um dos genitores, dos tipos, por exemplo, ser um deles excessivamente sedutor, ou cruel, ou ameaçador, ou daquele que vive a rejeitar, ou inconsciente, ou inseguro, ou em constantes transformações, ou frio, etc.

4. Severos defeitos do Superego, como um pai efeminado, poderá vir a ser determinante de uma confusa identificação com tal genitor, que pode resultar numa formação superegoica instável, inconsciente e não-razoável.

- Ao fim do Estágio Edipiano, instala-se o princípio do que Freud chamou de fase genital, em que o interesse primário passa a ser a experiência genital, isto é, a tendência em vir a unir os órgãos genitais com o sexo oposto: é a atração direcionada à outra pessoa, um redirecionamento objetual, que significa a ultrapassagem da fase auto-erótica, como até então, o era, na última fase, fálica.

O PERÍODO DE LATÊNCIA

Este é o período que vai dos 7 - 12 até aos 14 anos. A característica desta fase é a repressão das fantasias e das atividades sexuais.

As mães costumam relatar uma às outras, que a partir dos 7, as crianças, especialmente os meninos ficam mais mansinhos. Na verdade o que ocorre é que elas, as crianças, acessam a um período de aquiescência sexual.

Com a representação do Édipo, a energia da libido fica temporariamente deslocada dos seus objetivos sexuais. Dizemos que houve de início a repressão da energia sexual. Como esta energia é permanentemente gerada, ela não pode ser simplesmente eliminada ou reprimida. É preciso que ela seja canalizada para outras finalidades, estando os fins eróticos vedados, ela é canalizada para o desenvolvimento intelectual e social da criança. A este processo, canalizar uma energia inicialmente sexual em uma energia mobilizadora chamamos de realizações socialmente produtivas de sublimação. Ao período que sucede a fase fálica, chamamos de período de latência. O período de latência caracteriza-se pela canalização das energias sexuais para o desenvolvimento social, através das sublimações. O período de latência não é portanto, uma fase: não há nova organização de zona erógena, não há nova organização de fantasias básicas e nem novas modalidades de relações objetais.

É um período intermediário entre genitalidade infantil (fase fálica) e a adulta (fase genital). A sexualidade, permanece reprimida durante este período, aguarda a eclosão da puberdade para ressurgir. Enquanto a sexualidade permanece dormente, as grandes conquistas da etapa situar-se-ão nas realizações intelectuais e na socialização.

Puberdade e início da adolescência (período que vai dos 12 - 15 até os 18 anos).

Começa, de forma súbita uma atividade endocrinológica intensa no organismo, que vai resultar numa exacerbação da libido. É a partir daí, que o indivíduo retoma, de forma muito acelerada, as fases do desenvolvimento sexual, já que vem de sair da aquiescência que caracteriza o Período de Latência, que, na realidade, foi uma interrupção do desenvolvimento sexual intenso experimentado durante os estágios pré- edipiano e edipiano.

Observa-se nesta fase uma tendência para uma reedição dos impulsos orais, anais e fálicos e um misto de interesse sexual e de conflitos com os pais, como na fase edipiana.

Adolescência final e adulto jovem

Neste período, a partir dos 16 - 18 anos e pelo resto da vida, podem ser observados os chamados pontos de fixação, que são correspondentes às fases não solucionadas, ou pelo menos não satisfatoriamente solucionadas, que determinam a existência de um indivíduo adulto, que passa um quadro de imaturidade em algumas áreas do seu caráter, de sua identificação sexual, de seu equilíbrio afetivo, suas tendências a regredir ante o stress, sua incapacidade de formar um relacionamento estável, suas eleições sexuais (não somente as homossexuais em qualquer grau) e pelas evidentes indicações de eclosão de um comportamento neurótico.

FASE GENITAL

Ao perguntarem a Freud, em sua velhice - quando já tinha realizado praticamente toda sua obra pessoal - como definiria um homem adulto normal, ele respondeu apenas que o homem era aquele que é capaz de “amar e trabalhar”.

Alcançar a fase genital constitui, para Psicanálise, atingir o pleno desenvolvimento do adulto normal. É ser o homem que começou a surgir quando a criança vai progressivamente introjetando e elaborando o mundo. As adaptações biológicas e psicológicas foram realizadas. Aprendeu a amar e a competir. Discriminou seu papel sexual. Desenvolveu-se intelectual e socialmente. Agora é a hora das realizações. É capaz de amar num sentido genital amplo. É capaz de

definir um vínculo heterossexual significativo e duradouro. Sua capacidade orgástica é plena, e o prazer dela oriundo será componente fundamental de sua capacidade de amar. A perturbação na capacidade orgástica é uma tônica dos neuróticos. O indivíduo normal não só se realizará na genitalidade específica, como o fará num sentido amplo. A perpetuação da vida é a finalidade última da pessoa. Procriará e os filhos serão fontes de prazer, sublimará e como frutos paralelos, serão capazes de trabalhar e produzir.

Produzir é, num sentido amplo, sublimação do gerar. A obra social é devida da genitalidade, estabelecer filiações significativas com profissões, partidos políticos, ideologias religiosas, correntes estéticas, são sublimações da sua capacidade de amar, de estabelecer um vínculo maduro nas relações naturais homem mulher.

A QUESTÃO DA FIXAÇÃO E DA REGRESSÃO

No tópico há referências a estes pontos, que, por serem importantes, merecem comentários.

As dificuldades que podem conduzir ao quadro de fixação são, geralmente, desencadeadas por:

- 1.** Uma severa frustração ocorrida numa fase anterior: um desmame precoce, por exemplo;
- 2.** Uma super gratificação: o uso excessivo e prolongado de amamentação, de uso de mamadeiras, chupetas, de chupar dedos, de tolerância ao não cumprimento de hábitos higiênicos, etc;
- 3.** De acentuadas diferenças comportamentais entre os pais, durante o período de treinamento da evacuação, muito particularmente quando tudo é feito de forma que haja urgentes esforços para se alcançar resultados, seguidos de total relaxamento, ou então o do tipo agora a coisa é com você, em não me meto mais nisso...

Quanto à regressão, define-se como um retorno à conduta característica de uma fase anterior (mas não, necessariamente, a imediatamente anterior), ante um eventual enfrentamento de uma situação estressante. Seria o caso de um menino, já pelos seus 6, 7 anos, treinado com sucesso nos hábitos higiênicos, voltar a urinar na cama, ou nas calças, o que marcaria uma regressão à fase anal.

O interessante, porém, é que o simples fato de haver uma regressão, significa que há um ponto de fixação, no mínimo parcial, que

levou o menino a regredir ao anal, especificamente e não ao oral, por exemplo.

Para explicar o quadro de regressão, Freud apresentou uma analogia bastante didática:

Suponhamos que um exército avance, dispondo de uma tropa composta por um bom número de soldados. À medida que avance, vai conquistando cidades e para dominá-las, o comandante vai deixando parcelas da tropa em cada ponto que capturou.

O número de soldados ocupantes da posição variará em função da maior ou menor dificuldade encontrada na conquista da cidade. Assim, quanto maior a oposição, maior será o número de soldados que deixará para trás (em termos psicanalíticos, estão aí os pontos de fixação).

O fato porém, é que mesmo sendo um sucesso o avanço, por ser coroado de êxitos, ao chegar ao fim da campanha, a tropa inicial já estará bastante desfalcada, pelo que, ante uma eventual batalha em que tenha inesperadamente de se empenhar, quando já parecia que todos os seus problemas haviam terminado, o comandante não terá alternativa, senão recuar (em termos psicanalíticos, está aí a regressão) e recuar para onde deixou um maior número de soldados, que, por sua vez, será sempre o lugar que conquistou em função de grandes dificuldades com que se deparou.

Em termos psicanalíticos, a tropa corresponde à energia psíquica que se despende no enfrentamento das situações que possam significar dificuldades.

MECANISMO DE DEFESA

Chamamos de mecanismo de defesa os diversos tipos de processos psíquicos. cuja finalidade consiste em afastar um evento gerador de angústia da percepção consciente. Os mecanismos de defesa são funções do Ego e, por definição, inconsciente. Como sede da angústia, ele é mobilizado diante de um sinal de perigo e desencadeia uma série de mecanismos repressores que impedirão a vivência de fatos dolorosos, os quais o organismo não está pronto para suportar. Por situar-se em parte no inconsciente, poderá mobilizar mecanismos inconscientes, que não serão percebidos pelo sujeito. Nem será percebido o evento doloroso, tampouco o mecanismo que o reprimiu. O conceito de mecanismo de defesa surge nos trabalhos de Freud e é desenvolvido principalmente por sua filha, Ana Freud em *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Daremos agora uma relação dos principais

mecanismos de defesa.

Faremos agora uma relação dos principais mecanismos de defesa

Sublimação

“As defesas bem sucedidas podem colocar-se sob o título de sublimação expressão que não designa mecanismo específico; vários mecanismos podem usar-se nas defesas bem sucedidas” (Fenichel, p. 131). Uyratan de Carvalho considera a sublimação como meio de mecanismo de defesa, define: “é a transformação de energias psíquicas infantis em atividades social e culturalmente aprovados”. Para exemplificar, tomemos a vida celibatária do padre que por se privar do ato sexual goza de elevados respeito e estima.

Considerado como mecanismo mais eficaz e é característico do indivíduo normal. Os desejos afetivos, que consideramos sexuais em sentido amplo, quando não podem ser literalmente realizados, são canalizados pelo ego para serem satisfeitos em atividades simbolicamente similares e socialmente produtivas.

Caracteriza-se a sublimação:

- A)** Inibição do objetivo;
- B)** Dessexualização;
- C)** Absorção completa de um instinto nas respectivas seqüelas;
- D)** Alteração dentro do ego.

Todas estas qualidades também são vistas nos resultados de umas tantas identificações; qual seja, no processo de formação do superego.

Negação

Processo pelo qual o sujeito embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença.

Importante mecanismo de defesa da que tem a capacidade de negar partes da realidade desagradável ou indesejável; quer por meio de uma fantasia de satisfação de desejos, ou pelo comportamento. Anna Freud em 1836 denominou este comportamento com “pré-estágios da defesa”. Ela empregou esta palavra para se referir à negação de uma parte da realidade externa desagradável ou

indesejável, que por meio de uma fantasia de satisfação de desejos quer pelo comportamento. Deve-se lembrar que toda tentativa de negação que ocorre após o desenvolvimento tem adversárias nas funções do ego de percepção e memória, pois o organismo naturalmente abandona as reproduções das experiências dolorosas e suas respectivas recordações bem como, simples negação.

A tendência à negação é maior quando o ego é fraco. Na fase da infância é de importância maior e consiste em negar eficazmente a verdade através do jogo e da fantasia. Na fase adulta é de menor importância e consiste em aliviar por algum tempo os encargos da realidade. Porém, se estiver diante de psicoses, (função do juízo transtornada) este mecanismo de defesa torna-se superior e importante.

Regressão

É o processo psíquico em que o ego recua fugindo de situações conflitivas atuais, para o estágio anterior. É o caso em que o indivíduo depois de várias frustrações na área sexual, afim de obter satisfações, regride à fase oral, passando a ser um comedor compulsivo. Portanto, regressão é voltar a níveis anteriores de desenvolvimento, em geral se caracterizam por respostas menos maduras, diante de uma frustração evolutiva. Por exemplo, com o nascimento de um irmão menor, a criança mais velha não suporta a frustração de ser passada para segundo plano. Como defesa, enfatiza-se volta à chupeta, à linguagem infantil, urina na cama, etc. No adulto, volta a um modelo infantil onde se sentia mais feliz.

Projeção

Tipo de defesa primitiva e quando surge pela primeira vez é difícil de estabelecer. Provavelmente é uma das funções psíquicas mais primitivas. Em Psicanálise é a operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo “objetos” que ele desconhece ou recusa nele. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica que vamos encontrar em ação particularmente na paranóia, mas também em modos de pensar “normais” como superstição. Uyratan de Carvalho (apostila), a projeção manifesta-se quando o ego não aceita reconhecer o impulso não aceitável do id e o atribui à outra pessoa. É o caso do menino que gostaria de roubar frutas do vizinho, sem entretanto, ter coragem para tanto, e diz que soube um menino, na mesma rua esteve tentando pular o muro do vizinho.

Introjeção

Processo evidenciado pela investigação analítica. O sujeito faz

passar, de um modo fantástico, de fora para dentro, objetos e qualidade inerentes a esses objetos. A introjeção aproxima-se da incorporação que constitui o seu protótipo corporal, mas não implica necessariamente uma referência ao limite corporal. Está estreitamente relacionada com a identificação.

A incorporação é o objetivo mais arcaico dentre os que se dirigem para o objeto. A identificação, realizada através da introjeção, é o mais primitivo da relação com os objetos. Por isso todo o tipo de relação objetiva que depare com dificuldades é capaz de regredir à identificação; e todo o objetivo instintivo ulterior é capaz de regredir à introjeção.

Repressão

Este mecanismo foi o primeiro a ser reconhecido e tem sido mais comentado pela literatura psicanalítica. É a operação psíquica que impede que os impulsos ameaçadores, sentimentos, desejos, pensamentos dolorosos ou perigosos, em suma, conteúdos desagradáveis ou inoportunos cheguem à consciência.

Numberg define como “o processo em virtude do qual a libido do sistema pré-consciente é subtraída, de modo que um ato psíquico não possa encontrar o caminho que conduz ao sistema consciente e, portanto tornando-se ou permanecendo inconsciente”. Freud define “impede o acesso do impulso instintivo, à motricidade mas, ao mesmo tempo, mantém intacta a sua carga de energia”. Através da repressão, o estérico provoca o afundamento no inconsciente da causa de seus distúrbios.

Defesas patológicas

É o mecanismo de defesa não eficaz e o que determina se os conflitos serão patológicos ou não, é a forma de manipulação dos mesmos.

Os instintos rejeitados não são transformados pela contracatexias. São contidos, bloqueando a descarga de energia, desconectando o resto da personalidade e continuando imutáveis no inconsciente.

Assim explicam os dois fatos importantes:

a) Os instintivos rejeitados pressionam constantemente no sentido da motilidade.

Impedindo da possibilidade da descarga direta, deslocando a energia utilizando-se de toda oportunidade de descargas indiretas; ligando-se associativamente a outro impulso (substitutivo) aumentando a intensidade, modificando assim qualidade do afeto conexo (conhecido como derivado impulso substitutivo).

b) Derivam-se da infância todas as defesas patogênicas. Quando canceladas as defesas infantis, o isolamento quebra-se e os desejos rejeitados são religados à personalidade, participando da maturidade da mesma; esses impulsos transformam-se em adultos e os desejos podem ser descarregados.

A percepção e outras funções do ego podem ser bloqueadas ou diminuídas por contracatexias forçadas. Isso quando o indivíduo está sob efeito da neurose traumática.

Essas formas de “defesas” podem ser consideradas como padrão na qual formam-se as demais defesas patogênicas.

Portanto a condição da defesa patológica é o desencadeamento de uma excitação de origem interna, provocando desprazer e contra qual não foi estabelecida qualquer aprendizagem defensiva. As condições só se encontram realizadas, para Freud, no domínio da sexualidade, pois não é a intensidade de afeto em si que motiva a entrada em jogo da defesa patológica.

Formação recreativa

É o processo psíquico que se caracteriza por uma atitude ou hábito com sentido ao desejo recalcado, formando assim, uma reação contra ele, ou o processo psíquico por meio do qual um impulso indesejável é mantido inconsciente, por conta de uma forte adesão ao seu contrário, na tentativa evidente de negar ou reprimir certos impulsos. Por exemplo, desejos sexuais intensos podem ser transformados em comportamentos extremamente pudorosos ou puritanos.

Muitas atitudes neuróticas são tentativas evidentes de negar ou de reprimir alguns impulsos ou defender a pessoa de um perigo instintivo. São comportamentos tolhidos e rígidos ainda que resultam em impulsos contrários, que explodem por diversos modos. A ação desmascaradora da Psicologia, da Psicanálise consegue provar que a atitude oposta original ainda está presente no inconsciente. Portanto, para Fenichel, reações reativas são estas atitudes opostas secundárias, por exemplo: se a pessoa luta contra tendências anais, desenvolverá hábitos de limpeza, de ordem e economia obsessiva; se ela luta contra tendências agressivas, cairá numa bondade indiscriminada e rígida.

Anulação ou reparação

Mecanismo psicológico pelo qual o sujeito se vale do pensamento ou comportamento com significação contrária a fim de que seus pensamentos, palavras, gestos e atos passados não tenham acontecido. Utiliza para isso um pensamento ou comportamento com significação

oposta. Trata-se aqui de uma compulsão tipo “mágico” característica da neurose obsessiva. Com exemplo, um paciente via-se impelido a rezar de forma obsessiva durante a doença de sua mãe; mas ao terminar a reza aplicava um tapa na boca, ato que pretendia anular o efeito positivo da reza. Positivo da reza.

Era anulação do sintoma rejeitador, regresso do desejo rejeitado de que a mãe morresse.

Assim como a formação reativa, o mecanismo de defesa da anulação pode formar-se pelo aumento reativo da força de um impulso que se opõe ao impulso original, deste modo condensado a atitude defensiva como a atitude instintiva que luta pela obtenção de prazer erógeno. Uma criança experimenta a defecação como perda de sua integridade narcísica e desenvolve tendência a coprofragia compensadora e, quando adulto compraz-se em ler no banheiro, coprofragia representa tanto anulação da defecação quanto o prazer.

Isolamento

O texto mais explícito de Freud sobre o isolamento acha-se em inibição, sintomas e angústia, onde é descrito como uma técnica especial da neurose obsessiva. O significado mais comum da palavra isolamento é o mecanismo que Freud chamou de isolamento do sentimento. É um processo psíquico, típico da neurose obsessiva, que consiste em isolar um comportamento ou um pensamento, de tal maneira que suas ligações com outros pensamentos, ou com alto conhecimento, ficam absolutamente interrompidas já que foram (os pensamentos e os comportamentos) completamente excluídos do consciente.

Fenichel define o isolamento como mecanismo de defesa das neuroses obsessivas e que tenham um significado geral da psicopatologia; assim o paciente não esqueceu os seus traumas patogênicos mas perdeu o rastro das respectivas conexões e significado emocional. Existe aqui uma contracatexia operando no sentido de isolar aquilo que se relaciona. Este mecanismo de defesa, sobre tudo típico da neurose obsessiva, consiste em isolar um pensamento ou um comportamento, de tal modo que suas conexões com outros pensamentos ou com o resto da existência do sujeito ficam rompidas. Entre os processos de isolamento, citemos as pausas no decurso do pensamento, fórmulas, rituais e, de um modo geral todas as medidas que permitem estabelecer um hiato na sucessão temporal dos pensamentos ou dos atos. Certos doentes defendem-se contra uma idéia, uma impressão, uma ação, isolando-as do contexto por uma pausa.

Racionalização

É uma forma de substituir por boas razões uma determinada conduta que exija explicações, de um modo geral da parte de quem a adota. Ou é o processo pelo qual o sujeito procura apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para uma atitude, uma ação, uma idéia, um sentimento, etc, cujos motivos verdadeiros não percebem; fala-se mais especialmente da racionalização de um sintoma. De uma compulsão defensiva, de uma formação reativa. A racionalização intervém também no delírio, resultando numa sistematização mais ou menos acentuada. Mediante as definições citadas, a racionalização é a forma de abstrair-se das vivências afetivas e, em cima de premissas lógicas, tentar justificar as atitudes e assim provar que é merecedor do reconhecimento dos outros. Jocosamente, os psicanalistas consideram a racionalização como uma mentira inconsciente que se põe no lugar de algo que se reprimiu.

A racionalização é muito comum e abrange um extenso campo que vai desde o delírio ao pensamento normal. Às vezes é difícil definir se é falha ou não, pois qualquer comportamento tem direito à explicação racional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fenichel, Oton - Teoria Psicanalítica das Neuroses - Ateneu
2. Freud, Sigmund - Obras Completas - CD-ROM
3. Laplanche & Pontalis - Vocabulário de Psicanálise - Martins Fontes
4. Brenner, Charles - Noções Básicas de Psicanálise - Imago
5. Garcia, Luiz Alfredo - Freud e o Inconsciente - Ed. Zahar
6. Silva, Gastão Pereira - Para Compreender Freud - Ed. Loyola

EXERCÍCIO PARA FIXAÇÃO DA UNIDADE TEORIA PSICANALÍTICA II

- 1.** Em que consiste a Teoria Topográfica?
- 2.** Fale sobre cada sistema da Teoria Topográfica.
- 3.** Como representar a Teoria Topográfica?
- 4.** O que significa inconsciente reprimido?
- 5.** Em que consiste a Teoria Estrutural?
- 6.** Fale sobre a Instância da Teoria Estrutural.
- 7.** Quais são as características do ID?
- 8.** Quais são as características do EGO?
- 9.** Quais são as características do SUPEREGO?
- 10.** Como classificar a angústia? Explique.
- 11.** O que é libido?
- 12.** Quais os tipos de ansiedade? Explique cada um.
- 13.** A personalidade se desenvolve em resposta a três fontes de tensão. Quais?
- 14.** Quais são as fases do estágio Pré-Edipiano?
- 15.** Quais as características de cada fase do estágio Pré-Edipiano?
- 16.** Qual a importância da fase “Pré-Edipiana” na formação da estrutura da Personalidade?
- 17.** Qual a importância do inconsciente para a Psicanálise?
- 18.** Fale sobre o valor simbólico dos anais.
- 19.** Qual a importância do estágio na formação e estruturação da personalidade?
- 20.** Como é formado o Superego?
- 21.** Como se dá a resolução do conflito Edipiano no menino e na

menina?

22. Quais as alterações afetivas que podem ocorrer quando o conflito Edipiano não é satisfatoriamente resolvido?

23. Quais as causas de uma solução não satisfatória do estágio Edipiano?

24. O que é período de latência?

25. Fale sobre a fase genital.